

Versos que enfeitaram o gringo

APREÇO Quarenta e cinco anos da vida do professor Mark Curran foram dedicados ao estudo do cordel, sobre os quais escreveu dez livros

José Teles

teles@jc.com.br

Um maço de folhetos de feira (como então eram conhecidos em 1965) exibidos numa aula de literatura brasileira, na Universidade Saint Louis, no Missouri (EUA), redirecionou a temática da graduação que o jovem americano Mark Curran fazia sobre Jorge Amado. Ele colecionara os folhetos como curiosidade: "Gostei desde o princípio deles e quando ganhei bolsa de estudo para ir ao Brasil, em 1966-1967, pela Fulbright, para fazer pesquisa para o Ph.D., escolhi como tema a então literatura popular em verso, ou seja, o cordel, e sua relação com a literatura erudita brasileira" conta o professor aposentado Mark Curran, em entrevista por e-mail. O motivo da entrevista: a Ateliê Editorial lançou *Retrato do Brasil em cordel* (365 páginas, R\$ 56,70), a mais recente obra de Curran, que é autor de nove outros títulos sobre o assunto, com mais um em processo de finalização.

Quando esteve no Rio, o então estudante americano foi levado pelo escritor Manuel Cavalcanti Proença para conhecer o acervo da Casa de Rui Barbosa, um dos maiores do País. "Ele me serviu de orientador no começo e me mandou para o Nordeste com o objetivo de apanhar folhetos e romances e ler as obras seminais sobre o assunto". Uma carta de Gastão de Holanda, escritor pernambucano, recomendando-o ao teatrólogo Ariano Suassuna, facilitou a abertura de portas: "Ariano Suassuna foi um dos meus primeiros mentores no Brasil, em 1966, e ajudou a imprimir meu primeiro livro, *A literatura de cordel*, em 1973. Ele até utilizou entrevistas minhas com os poetas no *Romance da Pedra do Reino*," conta Mark Curran, que, em viagens pelo Nordeste, entrevistou alguns dos poetas populares mais importantes da época: "Lembro de entrevistas com Manoel Camilo dos Santos, de Campina Grande, Dila, de Caruaru, José Costa Leite, de Condado, Rodolfo Coelho Cavalcante, da Bahia, Joaquim Batista de Sena, de Fortaleza, e Manoel Caboclo e Silva, de Juazeiro. Acho que Ariano as utilizou para o personagem Quaderna. Mais de uma vez o próprio Ariano me agradeceu o empréstimo".



Fotos: Divulgação



TRADIÇÃO Mark Curran reconhece que o apogeu do gênero ficou no passado e questiona se esse tipo de literatura estaria acabando. Uma coisa é certa: poucos são os autores à moda antiga

Outros poetas igualmente importantes não saíram no livro, publicado pela editora da UFPE: entre estes, José Bernardo da Silva, de Juazeiro do Norte (CE). Também não foram publicadas as pesquisas feitas em material emprestado pelo filho do famoso João Martins de Athayde.

Grande estudioso da cultura popular dos EUA, Mark Curran diz não conhecer, pelo menos em forma escrita, nada semelhante ao cordel em seu país. No entanto, ele constata algumas semelhanças desse gênero

com as baladas (oriundas da Irlanda) das montanhas do Leste americano: "O que havia na tradição oral e cantada eram as baladas dos Apalaches e, claro, as baladas de bandidos e vaqueiros. A balada cantada *The strawberry roan*, por coincidência, se relaciona às histórias do *Boi misterioso* ou à de *O cavalo misterioso*. A propósito, uma das grandes conexões com o cordel foi a minha juventude em Abilene, no Kansas, originalmente ligada às boiadas trazidas do Texas, e o fato de ser católico, de ascendência irlandesa. Uma

vez, Luis da Câmara Cascudo e eu tivemos um papo excelente comparando a vaquejada nordestina ao rodeio norte-americano", continua Curran

Retrato do Brasil em cordel é dividido pelas temáticas dos antigos folhetos. Os capítulos separados como se fossem títulos de livros, e estes também subdivididos por temáticas paralelas, que revelam muito da cosmologia do brasileiro nordestino de décadas atrás, com toda sua fé, superstição, conceitos morais e preconceitos, como o que existia em relação aos protestantes



PESQUISA Depois deste lançamento, o autor apronta mais um

nos anos 60, explícito no título de alguns cordéis, a exemplo de *História do protestante que foi matar frei Damião por ter virado um urubu*, de Manoel Serafim. No capítulo *O que não se deve fazer: a recompensa do pecado*, ele analisa os cordéis como entretenimento. Mais do que isso, o autor acrescenta comentários sobre poetas a quem entrevistou, como José João dos Santos, o Azulão, pioneiro nos anos 60 a protestar contra os intrusos na poesia popular, sem livrar a cara dos pesquisadores estrangeiros: "Segundo o poeta, a presença do francês (um pesquisador) provocou uma verdadeira invasão de franceses e norte-americanos nas feiras para gravar e filmar a atuação dos poetas e cantadores. Depois vieram professores do colegial e até da faculdade junto com seus estudantes". Mas o protesto de Azulão não se dirigia propriamente aos pesquisadores, mas aos aproveitadores que vieram em seu rastro: "Poetas deste tipo/por ai tem como a peste/com uma bolsa do lado/trajado de farweste (sic)/viverem nessa correria/deturpando a poesia/e envergonhando o Nordeste" (do folheto *O artista injustiçado*).

Entre a temática pesquisada, o professor Mark Curran teve pouco acesso a folhetos de conteúdo fescenino. Cita o cordelista baiano Rodolfo Coelho Cavalcante, que admite ter escrito alguns nos anos 40 para ganhar dinheiro, mas critica o colega

Cuíca de Santo Amaro, por vender poemas pornográficos, ao lado dos "normais", com capa marrom: "Na minha coletânea do cordel, tais folhetos são raríssimos, só lembro de talvez dois. Mas sei que, nos 40 e até 50, uns poetas de feira vendiam folhetos obscenos, mas eram raros. O poeta Rodolfo Coelho Cavalcante, da Bahia, dos anos 40 e 50, gaba-se, de fato, de iniciar uma campanha contra eles, pegando vários, destruindo-os e denunciando os vendedores às autoridades". Entusiasta pela literatura de cordel, o professor Mark Curran reconhece que seu período de apogeu está distante: "A questão é eterna: a literatura de cordel estará acabando? O poeta tradicional à moda antiga existe pouco hoje em dia. E mais importante: aquele público do século 20, rural, humilde, às vezes meio analfabeto, mas consumidor dos folhetos de feira como tradição de família, quase acabou. Os vilões? Nenhum ou, por outra, a inevitável marcha do progresso, da tecnologia e da mudança de gosto. Coloque ainda aí: migração para grandes cidades, rádio de pilha, televisão branco e preto, televisão a cores, internet. Mas, também, segundo me dizem, o desaparecimento da feira semanal em muitos lugares. O tempo passa. É por isso que fiz *Retrato do Brasil em cordel*", para lembrar e homenageá-lo".

O site do professor Mark Curran: <https://www.currancordel-connection.com>